A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO-(Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salomão, 3-D (Sobrado) Junto ao Largo da Se

ANNO I -:- NUM. 1
Sabbado, 9 de Junho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis a linha de uma columna por vez

AO QUE VIMOS

Rumo á Revolução Social

A Plebe, como facilmente se verifica, é uma continuação da *A Lanterna*, ou melhor dizendo, é a propria *A Lanterna* que, attendendo ás excepcionaes exigencias do momento gravissimo, com nova feição hoje resurge para desenvolver a sua luta emancipadora em uma esphera de acção mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programma de desassombrado combate a todos os elementos de oppressão que sujeitam o povo deste paiz, como o de toda a terra, á odiosa sociedade vigente, alicerçada por toda a sorte de miserias e de violencias.

Surgindo, ha dezesete annos, com feição anti-clerical especializada, por iniciativa de quem militava no movimento libertario, vinha, a popular folha, inegavelmente, corresponder á grande necessidade de se dar decidido combate ao ultramontanismo dominador, cuja chocante ousadia provocára então, aqui e em outras partes, uma notavel agitação de protesto.

Reapparecendo, em nova phase, em 1909, tambem pelo esforço de elementos anarchistas, ainda dessa vez attendia tal tentativa, acolhida com enthusiasmo desusado, a evidentes exigencias de ser, com vivacidade, activada a campanha, já amortecida, contra o nefando clericalismo, pois que vinha ao encontro do formidavel movimento de indignação mundial provocado pelo infame crime de que Ferrer, o libertario abnegado, fôra a victima gloriosa, tombando altivamente nos fossos do castello de Montjuich, sacrificado pelos manejos do tenebroso conluio reaccionario então dominante na Hespanha e no qual o bando negro do Vaticano fôra elemento dominante.

E assim, sempre sustentada pelos mesmos lutadores do meio libertario, valiosamente coadjuvados por um bom nucleo de homens de consciencias bafejadas por principios innovadores espalhados por todo o Brazil, foi *A Lanterna* atravessando os annos, vivendo a vida penosa e de sobresaltos das folhas avançadas, zurzindo impiedosamente a canalha da Igreja, desmascarando os tartufos sociaes, combatendo, em campanhas memoraveis que lhe valeram perseguições sem conta, todas as explorações e tyrannias e collocando-se sempre, com a sinceridade e o enthusiasmo de quem esposa uma causa que é sua, ao lado das victimas dos potentados.

Com a guerra, que a encontrou com um lustro de pelejar incessante e tenaz, assoberbaram as difficuldades que com bastante esforço vinha vencendo, tornando-lhe irregular a publicação, até então exemplarmente pontual, e determinando, por fim, após muitos mezes de ingente labuta, a interrupção de seu apparecimento, á espera de uma situação menos embaraçosa para reencetar a sua batalha contra os filhos das trevas e inimigos impenitentes do progresso.

Foram-se, porém, passando as semanas, os mezes continuam sommando-se incessantemente sem que se saiba quando se poderá contar com condições mais desafogadas.

A anormalidade torna-se permanente, ao mesmo tempo que acontecimentos de excepcional importancia chamam á actividade todos os militantes da vanguarda social de todo o mundo, reclamando delles o maximo de sua dedicação em prol da causa da completa libertação da humanidade.

A conflagração horrorosa a que a burguezia vae arrastando, uma a uma, todas as nações, convulsionando o mundo, precipitou espantosamente os acontecimentos de maneira a accelerar a solução dos grandes problemas sociaes que, positivando-se ha meio seculo, traziam agitados todos os povos civilizados da terra.

Urge a acção em todas as suas manifestações, consciente, decidida, vigorosa.

Como é bem de ver, nessa obra titanica cabe logar de destaque á imprensa avançada, a quem está confiada a missão delicada de orientar o povo, hoje á mercê da perseverante acção damnosamente mystificadora dos jornaes ao soldo dos dominadores da época.

Por isso, apesar das tremendas difficuldades dominantes, apparece *A Plebe* em substituição á *A Lanterna* que, tendo surgido com um titulo tradicionalmente anti-clerical, para dar combate ao clericalismo, apresentou-se sempre com uma feição mais ampla, atacando o padre e a Igreja na sua razão de ser, como elementos perniciosos, alliados perennes dos dominantes, ao mesmo tempo que tocava, por ser dirigida por libertarios, em todas as faces da [illegible] questão social.

A Plebe vem, porisso, para corresponder, de maneira mais completa, á magnitude deste extraordinario momento historico por que está atravessando a humanidade.

Estão em jogo os destinos da sociedade actual. Multiplos são os elementos que, em tragica associação, arrastaram os povos á horrivel situação presente, exigindo que contra todos elles se empenhe uma luta sem treguas e de exterminio.

Associados no mal, baldado será o esforço para separal-os, pois que a sua condição de existencia está indissoluvelmente ligada á propria união, que lhes assegura a situação revoltante de dominadores moraes e materiaes de toda a sociedade humana, que vive tyrannizada e espoliada afim de lhes garantir vida farta, ociosa e parasitaria.

Para se conseguir vencer o monstro social que infelicita o povo productor não bastará decepar-lhe uma de suas monstruosas cabeças que, como as da hydra de Lerna, renascem com redobrado vigor para a sua malefica acção.

O clericalismo, que é uma das cabeças desse monstro, só desapparecerá quando, num movimento audaz e vigoroso, se lhe desferir o golpe certeiro e mortal.

A humana especie sómente poderá considerar-se verdadeiramente livre e começar a gosar da felicidade da qual é merecedora quando sob os escombros fumegantes desse burgo podre que é o regimen burguez desapparecerem para todo o sempre, com a maldição de todas as gerações soffredoras, o Estado, a Igreja e o militarismo, instituições malditas que lhe servem de esteios.

Para essa méta grandiosa, ardentemente almejada, caminhamos a passos agigantados, como nos indicam os formidaveis acontecimentos que se estão desenrolando, numa sequencia deslumbradora, desde as luzitanas plagas até ás steppes geladas da longinqua Russia.

Rumo á Revolução Social vai, afim, a humanidade, em busca da liberdade e do bem-estar mentirosamente promettidos, através dos seculos, por todas as religiões e pelas multiformes organizações politicas que a têm mantido em perennal servidão.

E como o Brazil, tendo a sua vida estreitamente ligada á dos demais paizes e estando sujeito ao mesmo condemnado regimen da propriedade privada e da autoridade, que permitte a ignominia da exploração do homem pelo homem, será, em mais ou menos tempo, inevitavelmente arrastado no vortice dos acontecimentos que hão de transformar a face do mundo civilizado, — necessario é que [illegible] bem aqui, neste rincão [illegible] da America, nos aprestemos para não sermos apanhados de surpresa quando soar a hora em que aos quatro ventos da terra dos abolicionistas audazes tiver de ser desfraldada a rubra bandeira da nossa verdadeira libertação.

E' como reflexo vivo dessa convulsão apocalyptica que surge *A Plebe*, filha dos ardentes anceios de uma pleiade de moços combatentes da phalange libertaria.

Vem este jornal ser um éco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe immensa que desde os seringaes da Amazonia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do sub-solo, nos ergastulos industriaes ou nos invios sertões vive sempiternamente a mourejar, em condições de escravos modernos, para manter na opulencia os ladrões legaes que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens.

Os sonhos que animaram as mentes privilegiadas dos martyres da independencia, dos heroes da abolição e da cruzada republicana desfizeram-se desoladoramente nessa coisa abjecta que a todos infelicita.

Liberdade, egualdade e fraternidade só existem como uma grosseira expressão rethorica rotulando muita miseria e oppressão.

Urge, portanto, proseguir na obra dos abnegados de outrora para que, quando além das fronteiras convencionaes ruir fragorosamente o arcabouço apodrecido do regimen social dominante, tambem o povo desta terra, no arrebol de um novo e sublime 13 de Maio, conquiste a sua alforria derradeira, fazendo com que o Brazil, passando a pertencer a todos os seus habitantes, a todos proporcione a vida folgada e feliz que a exuberancia trabalhada de suas riquezas naturaes permitte.

E' com esse objectivo que vem lutar *A Plebe*.

Edgard Leuenroth

IGUALDADE E FRATERNIDADE

Um milagre

Informa um despacho de Madrid:

«Deu-se um conflicto entre as pessoas que assistiam a uma festa religiosa em Pontevedra.

No conflicto morreram tres pessoas e uma ficou ferida».

E' mais um espantoso milagre que se registra no activo da religião.

Guanabarinas

Rio, 5 de Junho — *Quando o cargueiro Paraná foi metido a pique, com grave prejuizo para a Companhia Commercio e Navegação, uns quantos moços estudantes de Direito e outras couzas tortas promoveram comicios de protesto contra a Alemanha e a favor da entrada do Brazil no matadouro europeu. Os jornais afirmavam que esses comicios jermanofobos eram formidaveis e as ajencias telegraficas com toda a certeza espalharam pelo mundo inteiro a noticia de que não havia um só brazileiro rezidente no Rio que não estivesse pronto a esmagar totalmente os jermanicos e seuscomparsas. Eu não assisti a nenhum desses comicios, mas não creio absolutamente que eles tivessem sido tão formidaveis, e isso porque a propria imprensa, noticiando um deles, estampava as palavras com que um dos oradores lamentava a falta de publico ás patrioticas manifestações... Agora já foram ao fundo, devido ao incomparavel atrevimento tedesco, mais dous cargueiros nacionais, o Tijuca e o Lapa, e isso quazi não impressiona mais ninguem. O proprio ministro do esterior, sr. Nilo Peçanha, falando ha dias a uma comissão de estudantes, aconselhava-lhes calma. «uma vez* (copio do Imparcial de 27 de maio) *que outros torpedeamentos hão de vir, talvez tantos quantos são os navios que temos nas zonas bloqueadas». Assim, os comicios guerreiros goraram inteiramente. No dia em que se soube aqui do ultraje feito ao Tijuca, eu tive ocazião de ver uma dessas manifestações, passando pela Avenida: havia uma centena de rapazes, na maioria vendedores de jornais e garotos de rua, á frente dos quais alguns academicos berravam como energumenos empunhando bandeirolas de cores diversas. E note-se que a Avenida, áquella hora, estava cheissima, mas ninguem dava atenção á patriotada estudantil. Antes, eu ouvi dizerem na Avenida que a comissão, formada quando o Paraná levou a bréca, se havia vendido por alguns milhares de libras e que um dos seus membros abocanhara toda a maquia, o que provocou jeral discordancia dos outros, discordancia essa de que naturalmente rezultaram a dissolução da referida comissão e o fracasso da campanha academica. Verdade? Mentira? Pode ser que seja mentira, mas eu creio piamente que seja verdade...* — **Astper.**

O amor da patria é uma mystificação.
Alphonse Karr.

O pobre é um vadio?

O *Correio Paulistano* está publicando diariamente, logo abaixo de um aviso da Liga de Defeza Nacional, um interessantissimo conselho, epigraphado: *O futuro de S. Paulo.*

Produzir, produzir, deve ser a divisa dos paulistas, diz o conselho.

De pleno, de plenissimo accordo. Produzir, produzir, deve ser a divisa da Humanidade inteira, mas produzir para o bem commum e não para gaudio dos açambarcadores, que se estão locupletando, na hora presente, com o trabalho dos miseros productores que mourejam, de sol a sol, nos campos do Estado de S. Paulo.

De que serve ao productor o seu esforço em plantar feijão, arroz, milho, batata, etc., si os trustistas, na epoca das colheitas, com especulações na praça, abaixam os preços, pagando os generos miseravelmente aos productores, para, depois de açambarcarem os generos, elevarem os preços, ganhando milhões?

De que serve ao nosso caipira o seu esforço em derrubar as mattas ou capoeiras e plantar roças de milho e feijão, si elle, analphabeto e ignorante, vê-se forçado a vender por vil preço a sua mercadoria, no sitio, porque os agentes dos trustistas vão ali mostrar-lhe as revistas com as photographias dos escoteiros e dizer-lhes que não vão ás cidades, porque até as crianças estão sendo recrutadas para a guerra?

O conselho do *Correio Paulistano* seria bello numa sociedade communista livre, mas não na egoistica sociedade burgueza em que vivemos.

No que não concordamos absolutamente com o *Correio* é na affirmativa final do conselho:

«Em São Paulo, só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio».

Oh! aberração da vista e da intelligencia!

Só é pobre quem é vadio?

O numero dos pobres no Estado de S. Paulo sendo de nove decimos da população, segue-se que nove decimos dos habitantes do Estado são vadios.

Pobres não são, como finge ignorar o *Correio*, sómente os mendigos que esmolam pelas ruas. Pobres são todos os operarios e trabalhadores ruraes explorados pelos patrões, que lhes pagam apenas o necessario para não morrerem á fome. Pobres são todos aquelles que, numa sociedade que repousa sobre o direito inviolavel e sagrado da propriedade, vêem-se obrigados a alugar, por vil preço, a força dos seus musculos ou da sua intelligencia, em proveito exclusivo da burguezia capitalista e parasita, que vive á custa do suor e dos esforços alheios.

Só é pobre quem é vadio!

Mas então o operario que labuta doze ou quatorze horas por dia, para ganhar 3$000 ou 4$000 e que no fim do mez não tem o sufficiente para o aluguel do tugurio em que habita e para pagar o vendeiro e o padeiro, é um vadio?

Não fosse o esforço dos seus musculos explorado pelo burguez industrial ou fazendeiro, que fica riquissimo e mora em palacios, passeia de automovel e gasta com as cortezans, e o operario, sem ser rico, teria o sufficiente para viver folgadamente. Mas o patrão o explora e elle é e ha de ser eternamente um pobre, um paria social.

«Em São Paulo, affirma o *Correio*, só não ganha dinheiro quem não trabalha».

E' justamente o contrario que se dá.

Em S. Paulo, como em toda a superficie da terra, *só ganha* dinheiro quem não trabalha.

O trabalhador industrial ou rural recebe apenas, em dinheiro, a ração alimenticia que lhe mantenha mais ou menos as forças, ração alimenticia muito inferior á que os patrões dão aos seus cavallos de trato e ao seu gado, porque os animaes custam dinheiro, e o trabalhador humano, quando incapaz para o serviço ou velho, dá-se-lhe um pontapé e elle que vá morrer miseravelmente no leito de um hospital ou em baixo de uma ponte, vendo passar em automoveis aquelles que o seu esforço tornou millionarios e poderosos; aquelles que, explorando-o são commendadores ou condes, e frequentam a alta sociedade apezar da humildade da origem ou das mazellas passadas e esquecidos pelo poder do ouro.

A fortuna accumulada, disse-o Carl Marx, e ninguem poderá demonstrar o contrario, é producto exclusivo de trabalho não pago.

Logo, quem trabalha não ganha dinheiro, porque o lucro é todo do patrão, e o pobre não é um vadio, é apenas a victima lastimavel de uma pessima e detestavel organisação social.

Em São Paulo são conhecidas as origens das grandes fortunas. As que não provém de heranças foram obtidas á custa do suor do escravo, do colono ou do operario, ou, o que é ainda mais reprovavel, á custa do envenenamento do povo com generos e bebidas falsificadas ou pela introducção de moeda falsa na circulação.

Apontem-nos uma grande fortuna ganha honradamente pelo trabalho, e provaremos que para a sua formação concorreram outros factores que não o trabalho exclusivo, manual ou intellectual.

Benjamin Mota.

* * * A phrase para nós de mais destaque do formivel discurso que o sr. Ruy Barbosa pronunciou sobre a attitude do Brazil ante a conflagração é a seguinte:

«Não é por seu gosto, nem por vaidade, que occupa a tribuna neste momento.»

Hão de permittir que a nossa plebea irreverencia estranhe que a genial personalidade do conselheiro esteja assim em todas as suas peças oratorias a sangrar-se em saude.

Deve ser alguma coisa portentosa que não é dado á ralé comprehender...

A venda d'«A Plebe» em S. Paulo

Nesta capital, *A Plebe*, além de vendida nas ruas, é encontrada nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de engraxate do largo da Sé n. 11

Livraria Moderna, Avenida Rangel Pestana, 169.

No engraxate do largo da Sé, 4.

Pela Desordem!

Estou encantado e contentissimo com o espectaculo do mundo, neste momento. As minhas pretenções em materia de sociologia são bem limitadas e bem modesto é o meu ponto de vista, deste melancolico mirante da Jurujuba, mas affirmo aqui publicamente o meu optimismo e a minha satisfação. Eu acho que vai tudo admiravelmente, lá na Europa, e admiravelmente ha de ir tambem isto por cá, pois que nós nada mais fazemos que reflectir o que por lá se passa. E que é o que vemos predominar no Velho Mundo, neste instante? Esta cousa admiravel: a confusão... E' a desordem, é o chaos. Chaos fecundo, bemfazeja desordem! Os telegrammas que as agencias nos enviam diariamente, mesmo sob censura, são bem claros, para quem sabe ler nas entrelinhas. Na Inglaterra, militarizada desde as trincheiras em terras alheias até ás menores usinas em terra propria, não houve Kitchener, nem Lloyd George, nem Balfour que aguente a força inexoravel da rebeldia popular: as gréves se formam e rebentam com a mesma impetuosidade do tempo de paz, dentro das proprias fabricas de munições de guerra, e os apellos ao patriotismo, feitos pelo governo, só são attendidos quando acompanhados de soluções satisfatorias ás reclamações dos paredistas. Os «leaders» trabalhistas, verdadeiros chefes das velhas Trade-Unions, são desrespeitados pelos operarios, que tratam por si mesmos, directamente, os seus assumptos, sem ligações, nem compromissos politicos. A França escabuja numa desesperada campanha militar, faminta e desmantelada, apparentando uma «union sacrée» que é antes uma «sacrée union», á espera apenas da primeira opportunidade para estalar por todos os lados, dando vasão ao seu indomavel espirito revolucionario, por tantos mezes contido diante das hostes invasoras de Guilherme II. Os imperios centraes se acham em plena ebulição. Como nas usinas inglezas, nas usinas da Allemanha e da Austria as gréves são frequentes e numerosas. Os jornaes e os deputados socialistas, os disciplinados e ordeiros deputados e jornaes da Sozial-Demokratie, tomam cada dia um tom mais desabrido e mais insolente, provocando scisões e barulhos no proprio seio. Dentro do Reischtag já se grita a palavra Revolução. O pobre chanceller de Bethmann-Hollweg não sabe como ha de equilibrar-se, no afan de agradar aos socialistas e de não descontentar os junkers. Na Russia... ah! na Russia então, aquillo está um modelo de confusão. Ninguem se entende no ex-imperio dos czares: governo provisorio, ministros, a Duma, «comités» de operarios e soldados, camponezes... cada grupo, cada fracção de povo, cada fracção de partido ruma para o seu lado, todos de accordo agora, dahi a pouco em desaccordo todos, dominando estes, demittindo-se e cahindo aquelles, fazendo e desfazendo declarações, desejando a paz immediata e proclamando a continuação da guerra... emfim, um legitimo e completo sacco de gatos. Na Escandinavia neutral, na Hollanda neutralissima, a agitação popular se accentua e toma vulto. O mundo inteiro tem os olhos voltados para a conferencia socialista a realizar-se em Stockolmo, na qual tomam parte delegados pertencentes ás nações neutras como ás nações belligerantes. Na Hespanha, a metade da população quer a guerra e a outra metade quer a paz. A Grecia é uma especie de Brazil em ponto pequeno: uma expressão geographica em pandarecos. E em todo o resto da Europa a mesma confusão predomina, e reinam a mesma incerteza, a mesma indecizão, a mesma espectativa apavorada de tremendas convulsões sociaes... Eu me sinto absolutamente encantado diante do empolgantissimo espectaculo. E estou optimista porque estou firmemente convencido de que a cura do mundo só poderá operar-se com um formidavel banho de desordem. Ha mais de um seculo que vegetamos nesta podridão da ordem burgueza da democracia, da industria e do commercio. A vida é rebeldia, é impulso, é impetuosidade, e uma sociedade que queira realmente viver tem que ser formada de unidades inconfundiveis, somma de vontades conscientes, e não amalgama pastoso de renuncias desfibradoras em mãos da providencia estatal. Ora, o momento cyclopico que atravessamos offerece todas as opportunidades de renovação. O vulcanico ribombar das grandes peças de artilharia produziu outra consequencia, além da militar: a de um verdadeiro tranmatismo social. A ordem, emanação sagrada do evangelho dos codigos, se acha em cacos, desmoronada pelo desequilibrio guerreiro, e resultante fatal disso tudo a radical subversão dos valores correlatos. Entramos, pois, num periodo de profunda desordem e ai! de quem ousar oppôr-se ás correntes avassaladoras da tormenta que se approxima! A hora apocalyptica se avisinha em que os pastores serão desbastonados e o fermento da confusão tresmalhará os rebanhos, levando-os a novas formações sociaes dolorosamente aprendidas pela necessidade, mas libertas emfim das velharias ronhosas e insensatas... E si assim não succeder, não será por culpa minha!

Jurujuba, 23-5-917.

Bazilio Torrezão.

Rebellião

Com gemidos agoureiros,
Num pavoroso lamento,
Lá fóra perpassa o vento
Chicoteando os pinheiros;
E a noite caliginosa,
De uma tristeza superna,
E' como a bocca monstruosa
De uma monstruosa caverna.

Chove. O arvoredo farfalha.
Soturno o trovão ribomba
Como longinqua metralha.
Depois o silencio tomba.
Pavido e tremulo escuto,
Mergulho a vista lá fóra
E vejo a terra de luto,
E ouço uma voz que apavora

Como um vago murmurio,
Mansa a principio ella ecôa.
Depois é um grito bravio
Que pela noite reboa,
Que para a noite se eleva
Num pavoroso transporte,
Como um soluço da treva,
Como um fremito de morte.

Essa voz cheia de ameaças,
De imprecações e rugidos,
E' o clamor das populaças,
E' a voz dos desprotegidos.
Medonha, retutante e rouca,
Vem desse mundo sombrio
Dos que tiritam de frio
E não têm pão para a bocca.

Vem das lobregas choupanas
Onde em tarimbas sem nome
Ha creaturas humanas
Agonizando com fome;
Vem da cloaca deleteria
Em que a "Justiça" comprime
Esses que a mão da miseria
Poz no caminho do crime;

Do quartel -- açougue enorme,
Onde á espera da batalha,
Morta de fadiga dorme
A carne para metralha;
Dos hospitaes, dos hospicios,
Das tascas onde resona
A grey de todos os vicios
Que a miseria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,
Nesse rugido palpita
Um rancoroso protesto;
E' o povo, a plebe maldita,
Que sombria, ameaçadora,
Ás vascas do soffrimmento
Mistura aos uivos do vento
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos,
Tremei, nos vossos dourados
Palacetes opulentos!
O sangue dos desgraçados
Sugai, bebei gotta a gotta,
Não tarda que chegue o instante
Em que a turba se levante
Sedenta, faminta e rota.

E quando comece a lucta,
Quando explodir a tormenta,
A sociedade corrupta,
Execravel e violenta,
Iniqua, vil, criminosa,
Ha de cahir aos pedaços,
Ha de voar em estilhaços
Numa ruina espantosa.

Ricardo Gonçalves

VIDA LIBERTARIA

Urge despertar para a acção que o movimento reclama

Vai dando os seus resultados beneficos o trabalho de metodização do movimento libertario que de ha algum tempo se vem executando em S. Paulo, no interior e em outros pontos do Brazil.

Com grande satisfação constatamos isso, pois é uma obra cuja necessidade ha muitos annos se fazia sentir.

A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas decadas que aqui se faz, com alguma intermittencia, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimentos obreiros; até agora, porém, não se havia tentado dar corpo a esse movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da acção conjunta.

Esse é o trabalho que agora se está tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido.

Certo, não será aos primeiros apellos que os anarchistas e sympathizantes se disporão a organizar os seus grupos e a desenvolver uma acção mais activa em proveito da causa pela qual nos batemos.

Os nossos camaradas até aqui quasi que attestavam a sua adhesão ao movimento libertario tomando assignaturas dos nossos jornaes, concorrendo, de vez em quando, para alguma subscripção e recebendo amistosamente os propagandistas em viagem...

Notava-se a mais completa falta de espirito de iniciativa, de expontaneidade; cada qual vivia para o seu lado lamentando a falta de união e mil coisas mais, como que aguardando as ordens de um *menear*, de um homem-prodigio que fascinasse com o seu verbo e se impuzesse com a sua audacia capaz de confundir a burguezia pantafaçuda.

Infelizmente, não podemos affirmar que as coisas estão inteiramente mudadas; seria illudir-nos. Entretanto, ha factos que nos autorizam a acreditar que uma modificação no bom sentido se vái operando.

Fundaram-se alguns grupos em varias cidades, havendo outros em formação. Já não é raro apparecer, em occasiões opportunas, boletins e manifestos todos bem orientados. Começa-se, emfim, a agir um pouco por toda a parte sem aguardar o signal de pontifices...

E o que mais constitue motivo de animação é o apoio que vai recebendo, embora lentamente, como é natural, devido ás causas acima expostas, a Alliança Anarchista, constituida, não ha muito tempo, em S. Paulo, com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ahi além.

São bons symptomas de um necessario e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertarios, que são bastante numerosos, se dispuzerem a fazer algo, a desenvolver um pouco mais de actividade.

O momento é dos mais favoraveis [illegible] nossa acção. Porque não, pois, [illegible]

Aos amigos e antigos assignantes da «A Lanterna»

Sendo *A Plebe* uma continuação da *A Lanterna*, estamos certos de que as nossas relações com os antigos e dedicados amigos não soffrerão solução de continuidade.

A todos remetteremos o jornal firmemente convictos de que será acolhido com o enthusiasmo de outrora.

Obvio é, pois, insistir que foi contando com a coadjuvação activa dos homens de consciencias libertas que assummimos as pesadas responsabilidades desta tentativa audaz.

Falhará a nossa especiativa? Estamos certos que não, pois a publicação deste jornal é, agora, mais do que nunca, indispensavel. Pensando assim os companheiros e amigos nos darão mão forte para o successo desta obra inadiavel.

Ricardo Gonçalves rebelde

«Rebellião» — é o titulo da bella poesia de Ricardo Gonçalves, o desventurado moço que as coisas más desta sociedade madrasta arrastaram ao suicidio.

Publicamol-a porque corresponde admiravelmente ao programma d'*A Plebe* e tambem porque, muito de proposito, a terão deixado no olvido os empertigados manejadores de coisas escriptas que assumiram o encargo de reunir em livro a producção do malogrado poeta.

Como em literatura só concebem coisas vasias e tolas, da obra do Ricardito não aproveitarão, certamente, o que de melhor sahio de sua penna inspirada.

E «Rebellião» deve estar nesse numero.

Commentarios de um plebeu

Singularidades da justiça

E' deliciosamente picaresco o caso daquelles vinte e cinco infelizes que, condemnados á deportação por vadiagem, permanecem na cadeia publica ha nada menos de sete mezes aguardando o momento de serem embarcados para o extrangeiro.

Estes infelizes, cotisando as suas respectivas miserias, encontraram um advogado (gente, em regra, nada compassiva) que vehiculou as suas queixas, por meio de habeas-corpus, *até junto da autoridade competente. No caso, esta competente autoridade é um senhor juiz do crime, o qual senhor e juiz, informado pela policia de que os vinte e cinco pacientes se achavam presos por não haver navio que os quizesse transportar, julgou simples e naturalmente prejudicada a ordem de* habeas-corpus *pedida.*

Quer dizer, o homem da lei entendeu que era atrevida e injusta a reclamação dos vinte e cinco detidos, pelo que devem continuar na cadeia publica até que um problematico paquete consinta em recebel-os no seu bôjo, tão necessario hoje á remessa para a Europa do feijão e do milho, coisas, de certo, bem mais consideraveis que vinte e cinco vidas humanas.

E' evidente que S. Exc.ª o integro magistrado (adoptemos este sonoro e juridico tratamento) interpretou com solicitude e fervor os sagrados interesses da sociedade que representa. E a prova está em que, notando S. Exc.ª que o Codigo Penal da republica nem sempre corresponde ás exigencias daquelles interesses, inspira-se mais nestes que na lei escripta quando trata de reprimir os delictos ou mesmo simples contravenções. E' o caso dos vinte e cinco pacientes ha sete mezes encarcerados na cadeia publica. Incidiram, ao que parece, na contravenção de que trata o artigo 400 § unico. Mas a pena para esta contravenção é a prevista por este mesmo paragrapho: deportação pura e simples. Logo a pena de prisão que ha sete mezes estão soffrendo aquelles vinte e cinco cidadãos é positivamente arbitraria e escandalosamente iniqua. E contra semelhante arbitrio se pronuncia o proprio codigo no seu artigo primeiro, que diz: «Ninguem poderá ser punido por facto que não tenha sido anteriormente qualificado crime, e nem com penas que não estejam previamente estabelecidas».

De sorte que S. Exc.ª o doutor da lei, resolvendo, pela forma por que o fez, o pedido de habeas-corpus *dos vinte e cinco condemnados á deportação por vadiagem, applica-lhes, não a penalidade do artigo violado, mas a do artigo 303, em virtude da qual é licito a um cidadão esborrachar a outro, tanto o nariz como adjacencias.*

Está certo, e daqui enviamos ao perfeito e correcto magistrado, por tão acertada decisão, o calor nosso applauso.

Zanga entre amigos

Causou surpreza e magua a muita gente o subito desapparecimento do sr. Oliveira Lima das venerandas columnas de um conhecido matutino de S. Paulo. E' um caso realmente enigmatico e escuro e que nós, de maneira nenhuma, tentaremos decifrar.

Confessaremos, comtudo, que lastimamos o successo como aquelles que sinceramente o lastimam. Explica-se. O sr. Oliveira Lima é um cavalheiro que ia bem áquelle jornal, não só pelo pezo e superabundancia da sua prosa, como pelo seu pezo proprio. Depois, uma questão de habito tambem. Estavamos acostumados a ver o sr. Lima permanentemente installado naquellas columnas, tomando duas e tres a um tempo, manuseando eruditamente os seus in-folios e eruditamente buzinando a buzina de Jeremias.

O que não se explica é a conducta daquelle vasto papel impresso defronte ao seu antigo e «eminente collaborador». Não se põe á margem um «collaborador estimado e eminente» com a desculpa da falta de papel. Esta desculpa parece-nos, alem de inhabil, ridicula, e o mesmo sr. Lima o deve ter já notado ao ver os Accacios que constantemente enxameiam aquella folha.

Ha por força outras razões mais graves, e entre estas avulta, ao que se diz, a de que o sr. Oliveira Lima, apezar de velho e astuto diplomata, com longos e afanosos annos de intriga protocollar, não é «persona grata» *aos Alliados.*

Não sabemos.

Melindres de um presidente

A imprensa da extrema direita divulgou, sem o commentar ou commentando-o pouco, o episodio occorrido ha dias no palacio da presidencia da republica entre um ajudante de ordens representante do presidente e uma delegação de trabalhadores da Federação Operaria do Rio de Janeiro.

O que ali ia fazer esta delegação relaciona-se, ao que parece, com a entrada do Brazil na guerra. Isto, porem, importa pouco ao caso, visto como o motivo da occorrencia foi uma questão de forma e não de objecto.

Em summa, os operarios iam exigir, como elles diziam, do presidente da republica um certo numero de medidas e providencias a que se julgavam com direito. Foi exactamente este termo «exigir», empregado pelos operarios, que irritou S. Exc.ª o chefe do governo e irritou ainda mais o seu ajudante de ordens, que não é chefe de coisa alguma.

Convem, talvez, esclarecer que o presidente da republica recusou tratar directamente com os operarios, incumbindo dessa desagradavel tarefa o palaciano sujeito que ali exercia funcções de mordomo.

Exposto pelos operarios o motivo da sua presença em palacio, immediatamente o iracundo servidor quiz que os mesmos declarassem se iam ali «pedir» ao sr. presidente da republica ou «impor» ao sr. presidente da republica, como alguns jornaes haviam noticiado.

Somos por principio e convicção adversos a que os operarios recorram aos poderes constituidos por mais especial que seja a situação e o momento que atra-

Gazetilha de Satan

Conhecem, certamente, o sr. Medeiros e Albuquerque.

Não o conhecer é offensa grave e imperdoavel ao seu nome e gloria literaria. E' membro da Academia Brazileira de Letras e, desde o começo da guerra, embaixador intellectual dos Alliados junto ao governo desta jovial republica.

O sr. Medeiros e Albuquerque (repitamos-lhe o nome com doçura) que, pelos muitos livros que escreveu, atulhou, de certo, os seus editores de duvidosas letras a prazo, ha quasi tres regalados e longos annos que nos assoberba com bellas e magnificas letras á vista, primeiro sacadas em Pariz, ultimamente na vasta e rutilante cidade de São Sebastião. Estas letras, que vieram a publico trazidas por um importante matutino de São Paulo, são, no parecer de todos, o melhor e mais correcto penhor dos governos da Alliança neste decantado torrão da America.

Como disse, essas letras chamavam-se primeiro "*Cartas de Pariz*"; chamam-se hoje «*Cartas do Rio*». Umas e outras contêm um soberbo e precioso recheio: retratam de mil formas e nos mais variados tons a gloria militar e politica da França e da Inglaterra. São, além disso, espirituosas, ferinas, anecdoticas, trazem comedia e drama, farça e tragedia, e todas, sem excepção, de um succulento e saboroso anti-germanismo.

Mas o sr. Medeiros e Albuquerque (preciosa creatura!) não é só um habil contador de atrocidades teutonicas e de galhofeiras piadas gaulezas, é tambem um altissimo philosopho e um logico irretorquivel, penetrado da rara e surprehendente virtude, quando escreve e o lemos, de nos deixar de bocca aberta, sobre o jornal, por toda uma longa e compenetrada hora. E' assim a violencia das suas premissas e o golpe certeiro e rijo das suas conclusões inesperadas.

E' maravilhoso e unico!

Imaginem os leitores, se tal coisa é possivel imaginar-se, que o sr. Medeiros e Albuquerque disse e provou, numa das suas "*Cartas do Rio*", com aquella clareza de estylo que tanto seduziu a França, «*que não optando o Brazil, nesta guerra, por nenhum dos grupos belligerantes, nada, absolutamente nada podia esperar de nenhum delles*».

Lendo estas palavras, e depois de devidamente refeito do natural atordoamento que ellas produziram no meu vacillante espirito — tal o imprevisto e profundidade de tão rutila affirmação — immediatamente invoquei a Historia e a Lenda a ver se numa ou noutra encontrava prodigio egual, asserto tão luminosamente deduzido, maxima tão vasta e sagaz. Mas Historia e Lenda emmudeceram, e só nos tempos modernos, fóra daquelles dois dominios, dentro da Literatura contemporanea, pude achar o digno emulo do sr. Medeiros e Albuquerque, a mesma deducção terrivel e prompta, a mesma profundeza. O digno emulo do sr. Medeiros é o muito notavel «*Amigo da Imparcialidade*», correspondente, na França, do grande jornal o *Times*. Este facundo sujeito, escrevendo um dia para aquella gloriosa e poderosa folha, teve, entre outras affirmações de não menor vastidão, esta de uma rara e potente genialidade: "*Sempre que o homem está ao sol e este não incommoda, experimenta, tanto moralmente, como physicamente, uma satisfação maior do que quando está á chuva*».

E' assim, penetrante e profundo, o sr. Medeiros e Albuquerque.

De certo, elle podia ter dado á sua idéa um desenvolvimento maior. Podia ter-nos dito, por exemplo, o que é que o Brazil têm a esperar dos Alliados entrando com elles na guerra. Mas isso é ainda uma excepcional qualidade do seu altissimo espirito. Os espiritos superiormente organizados como o do sr. Medeiros, (é um enlevo insistir-lhe no nome!) são, por essencia, profunda e gravemente syntheticos. A's vezes, uma vaga palavra destes cavalheiros, um dedo vago no espaço vago, exprimem a força e a fatalidade de uma predestinação. Recordemo-nos de que a estirpe dos Medeiros, no Brazil, é a estirpe dos Pachecos em Portugal. Por isso o sr. Eça de Queiroz, descobrindo e historiando a primeiro dos Pachecos, prestou á civilisação do seu paiz em particular e á civilisação do universo em geral, um serviço tão relevante e de tão copiosa utilidade como o que eu estou prestando neste momento, annunciando, no Brazil, o segundo dos seus Pachecos, porque o primeiro, chronologicamente e pachecamente, é o muito illustre e muito pacheco sr. dr. Ruy Barboza, que Deus guarde.

Dizia eu que o sr. Medeiros e Albuquerque podia, se quizesse, tornar menos synthetica a vastidão do seu pensamento ao affirmar «*que não optando o Brazil por nenhum dos dois grupos principaes de belligerantes, nada, depois da guerra, podia esperar delles*». Disse já a razão por que isso não se deu.

Não nos tendo dito, pois, o sr. Medeiros o que é que o Brazil tem a esperar dos Alliados se, por exemplo, entrar com estes na guerra, e não com a Allemanha (notem que o sr. Albuquerque só para argumentar allude ao outro grupo belligerante) é razoavel e natural que o diga eu se, porventura, não o adivinhou já toda a gente.

O que o Brazil, ou antes, o que o governo desta pittoresca republica pode esperar da França e da Inglaterra, apoz o conflicto terminado, se ao lado dellas combater a Allemanha, é o que dellas recebia antes do mesmo conflicto: — emprestimos.

Se o sr. Albuquerque falasse ainda a mesma linguagem que usava ha tres annos, quando a guerra parecia a todos um perigo remoto, impossivel busal, o sr. Medeiros que, apezar de pacheco e politico, gozava entre o povo de alguma estima sincera, teria certamente escripto que esses emprestimos são, na sua quasi totalidade, a expressão mais grosseira, criminosa e covarde dessa coisa que vulgarmente se chama roubo, roubo legal, feito com leis e decretos em beneficio exclusivo dos governantes. Diria tambem que ao povo apenas lhe compete pagal-os, duplicados pelos juros, das mil e uma maneiras por que o povo é explorado.

São, pois, esses emprestimos a recompensa promettida pelos Alliados ao Brazil se este paiz os acompanhar na grande carnificina. E' isto o que o sr. Medeiros espera e espera o governo da republica. O sr. Medeiros espera alguma coisa mais: espera a renda das suas letras...

O que o sr. Albuquerque tambem escreveria ha tres annos, e que hoje avaramente occulta nos reconditos mais occultos do seu craneo, é que sendo esses emprestimos aquillo que se disse — actos de latrocinio praticados pelo governo, resgatados pelo povo — não valia realmente a pena a este povo empenhar-se numa guerra em que, escapando de ser morto á bala na terra dos outros, terá necessariamente de morrer de fome na sua propria terra.

O sr. Medeiros e Albuquerque teria escripto isto ha tres annos. E como é artista e conhece o segredo das côres, faria immediatamente do Brazil em guerra um suggestivo e commovente quadro, d'um realismo severo. Contaria as angustias de milhares de mães, esposas, irmãs, noivas, a viuvez, a orphandade, o luto cobrindo e abafando com o seu negro véo a alegria e a esperança de tantos lares, antes prosperos e felizes, depois reduzidos e dispersos pela morte, pelo abandono pela miseria. Deploraria os paes violentamente arrancados aos filhos, os filhos ás mães, de quem eram o amparo tranquillo e seguro, a alegria suprema e a razão toda desta vida, as esposas sem maridos com um rebanho de filhos andrajosos a pedir-lhes pão. Entreveria por um momento todo o Brazil transformado num vasto e medonho hospital, com massas inteiras de invalidos, arrastando miseravelmente pelo resto da vida a sua misera carcassa, parasitaria e inutil. Choraria, de certo os milhares de braços roubados aos campos, ás fabricas, ás officinas, a todo o trabalho util, necessario e urgente, e, emfim, é possivel que, meditando friamente sobre as injustiças e torpezas deste mundo, reconhecesse ao povo em geral e aos trabalhadores em particular o direito inalienavel e sagrado de se rebelarem contra os seus exploradores e tyrannos, declarando-lhes desde logo, sem tregua nem piedade, a guerra santa do exterminio.

Mas isto, é claro, seria dito ha tres annos. Hoje não. Hoje o sr. Medeiros e Albuquerque (que os bons anjos o guim) está, de corpo e alma, devotado á vasta e gratissima tarefa de demonstrar que, embora os seus desprevenidos labios houvessem, "*in illo tempore*", affirmado «*que o silencio é de ouro*», de ouro são, e do melhor, as palavras superabundantes e faceis com que, de longa data, vem defendendo a entrada do Brazil na guerra com os seus amigos Alliados...

Roberto Feijó

vessem. Destes poderes nunca sahiu nada de bom, e o que possa sahir nunca será uma concessão feita por elles mas uma nova conquista contra elles e apezar delles obtida pelos trabalhadores.

Por isso, desapprovando a resolução da Federação Operaria do Rio de Janeiro, enviando uma commissão ao chefe do executivo, applaudimos sem reserva a attitude acertada e digna dessa commissão ao declarar ao interpellante mordomo que não iam pedir nem impor, mas «exigir» do sr. presidente da republica, e isto, accrescentou a commissão, «porque os operarios não pedem nunca, mas exigem sempre».

Effectivamente «exigir» é o termo adequado e justo.

Pedir é supplicar, e operarios esclarecidos e dignos não sabem fazel-o. Impor é obrigar e isto, por desgraça, não é ainda possivel.

Não podendo, pois, a Federação Operaria do Rio nem supplicar nem obrigar o sr. presidente da republica, só lhe restava exigir, pois exigir, segundo a lei e segundo o diccionario, é synonimo de reclamar, reclamar fundado em direito real ou supposto. Ora reclamar o seu direito era o que os operarios estavam fazendo no palacio da presidencia. Se não foram attendidos, tanto peor para esta e a republica. Mais depressa virá o ajuste de contas. Não somos nós que o affirmamos, affirma-o a nova ordem de coisas que ahi vem.

O sr. presidente da republica, se não fosse mineiro e cego, já teria visto o que vae pelo mundo e é panno de amostra a nova Russia.

Fazemos votos por que S. Exc.a medite melhor as singularidades dos tempos.

R. F.

Os crimes da burguezia

O horroroso desastre do Rio

Numerosos trabalhadores sacrificados em holocausto á ganancia dos argentarios

Um desastre horroroso, que hontem se verificou no Rio, enchendo de consternação o elemento popular, que ainda se comove com o soffrimento alheio, vem por em chocante evidencia o criminoso desrespeito dos argentarios infames pela vida dos trabalhadores.

Com o desabamento de um grande predio em construcção, ficaram soterradas algumas dezenas de operarios, surprehendidos na insana labuta para o magro ganha-pão.

São mais algumas familias que vão ficar sem o amparo de quem as mantinha.

Como soe acontecer em casos taes, as autoridades, para justificarem a sua razão de ser, abriram um inquerito, cujo resultado de ante-mão é conhecido: concluirá pela inculpabilidade dos constructores.

Assim aconteceu quando foi do desastre ha tempos verificado nas obras da Cathedral.

A corda rebenta sempre pelo lado mais fraco. Não fossem as leis organizadas para proteger os potentados em detrimento dos pobres.

Não nos causa isso surpresa alguma, pois que taes factos são consequencias logicas da vigente ordem de coisas.

Os burguezes querem accumular fortuna e para o conseguir desgraçarão o mundo se tanto fôr necessario.

Taes crimes sociaes terão, porém, fim dentro em breve, quando o povo laborioso vencer os parasitas que o dominam e tomar conta da sociedade, organizando-a de accordo com a verdadeira justiça.

Aos protestos do operariado carioca, que se pronunciou contra a grande infamia, juntamos os d'*A Plebe*.

«A Plebe» em Santos

Está á venda na agencia de jornaes do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio.

ACÇÃO OBREIRA

O operariado de São Paulo parece despertar para a luta

Movimentos grevistas. — Associações que surgem

Se não chegou a conseguir libertar as creanças da escravidão dos ergastulos do trabalho, porque isso só era feito pela acção directa dos trabalhadores rebellados contra esse hediondo crime da burguezia rapace, — serviu, entretanto, a vivaz campanha recentemente realizada pelos libertarios para determinar uma certa predisposição no sentido da actividade no seio da classe obreira desta capital.

A propaganda feita em numerosos comicios e em boletins não deixou de produzir o seu effeito, fazendo com que entre os trabalhadores, sujeitos agora, como nunca, a uma situação verdadeiramente intoleravel, devido á acção aladroada dos patrões, insaciaveis sanguesugas sociaes, se comece a sentir a necessidade de agir contra os bandidos que, ao abrigo da lei, vivem a roubar o producto do seu trabalho insano.

Alguns movimentos grevistas já se manifestaram, ao mesmo tempo que se vae tratando de constituir associações de resistencia e de accentuada luta social.

Dando execução ao seu programma, o «Comité Popular de Agitação Contra a Exploração dos Menores Operarios» tem promovido reuniões em varios bairros com o fim de organizar as ligas operarias que, dentro em breve, reconstituirão a União Geral dos Trabalhadores.

Os trabalhos nesse sentido proseguem e é de esperar que, no mais breve tempo possivel, o proletariado de S. Paulo possa dispôr de uma potente organização de luta para fazer frente com vantagem aos miseraveis que, pavoneando-se estupidamente com titulos e commendas comprados a peso de ouro, vão accumulando fortunas colossaes á custa de indefesas creanças, de pobres mulheres, da velhice alquebrada e de uma multidão de homens a quem a miseria continua do seu triste viver amorteceu a noção da dignidade e da altivez.

Oxalá, pois, que o movimento promissor, agora em inicio, ganhe o devido vulto tão rapidamente quanto a gravissima situação o exige.

Liga Operaria da Moóca

Das agremiações obreiras que estão surgindo esta é a que mais rapido desenvolvimento tem tomado, contribuindo, naturalmente, para isso os dois movimentos que os tecelões venceram em fabricas situadas naquelle bairro.

Numerosas reuniões foram realizadas durante e após a greve da fabrica de tecidos Rodolpho Crespi, sendo ellas aproveitadas para a propaganda feita por camaradas nossos.

A Liga Operaria da Moóca, contando com um bom numero de associados, está installando a sua séde á rua da Moóca, 190 devendo ella ser inaugurada com uma festiva reunião de propaganda no proximo sabbado.

Liga Operaria do Belemzinho

Em uma reunião bastente concorrida, ficou constituida, no meiado do mez passado, esta Liga, que está tratando de montar a sua séde no bairro, onde installará uma sala de leitura e realizará sessões de propaganda social.

No Cambucy e na Lapa

Além do comicio realizado na praça publica, celebrou-se num salão do bairro do Cambucy uma reunião afim de serem lançadas as bases da Liga Operaria local.

Foram lidas as bases do accordo approvadas anteriormente e já publicadas.

Na Lapa deve ser realizada uma reunião amanhã á noite, esperando-se que ella seja muito concorrida, pois numeroso é o operariado naquelle recanto industrial da cidade.

Em S. Caetano

Neste suburbio da Ingleza foi constituida uma sociedade de trabalhadores metallurgicos, que já tem realizado algumas reuniões de propaganda.

E' de esperar que os seus componentes, agora occupados na organização das suas bases de accordo, não emprestem á novel sociedade de resistencia o caracter estreito das sociedades corporativistas, que se mantêm erradamente alheias ás lutas tendentes á emancipação completa do proletariado.

Movimento de Canteiros

Varias pedreiras estão paradas

Ha já muitos dias que os trabalhadores canteiros se acham empenhados num movimento grevista para reagir contra os assaltos continuados da ganancia desmedida de dois typos perfeitos de parasitas sociaes.

A greve teve inicio em Ribeirão Pires, estendendo-se depois a Itaquera e Cotia.

Os canteiros, que além da exploração no trabalho ainda eram espoliados no armazem dos taes sujeitos, abandonaram as pedreiras afim de fazer com que lhes sejam melhoradas as condições dos salarios, mesquinhos como a consciencia dos encarregados das pedreiras.

A solidariedade entre os grevistas é completa, estando a Liga Internacional dos Canteiros de Ribeirão Pires em plena actividade.

Acompanhando com a sympathia que merece esse movimento dos canteiros, fazemos votos para que elles tenham a energia bastante afim de submetter os miseraveis burguezes, preparando-se depois para novas e mais grandiosas pelejas.

As greves de tecelões

Patrões que se submetem

Os tecelões, aproveitando o momento para elles opportuno do accumulo de trabalho que está enchendo de dinheiro os burguezes e elles de miseria, já fizeram alguns movimentos.

Os operarios da secção de tecelagem da fabrica do *cavalheiro*... de exploração Rodolpho Crespi, após uma quinzena de greve, conseguiram um augmento de salario e abolição da contribuição obrigatoria «pro-patria».

— Na Fabrica da Companhia Textil, na Moóca, os operarios exigiram e conseguiram um augmento de salarios, o mesmo acontecendo na fabrica Pinotti Gamba, do Cambucy.

Pampeiro rebelde

Porto Alegre, 917.

Aos homens de consciencias libertas desse Estado já deve ter sido annunciada a organização, nesta capital, duma Escola Moderna. E' uma escola nas condições e como entendemos dever ser a que tem por escopo ministrar o ensino racional. Conseguindo manter-se durante mais de um anno, atravessando o periodo menos propicio, é escola destinada a longa existencia, se circumstancias poderosas não actuarem contra a sua estabilidade.

Anima-nos proclamar essa audaciosa asserção. Alem das energias que saberemos, como até aqui, empregar para fazel-a viver, o facto do augmento crescente de alumnos, quer nas aulas diurnas, quer nas nocturnas, já attingindo a 80 o numero dos que a frequentam, o que é deveras animador e prognostico para breve uma frequencia muito maior.

Para muitos, para a maior parte mesmo dos camaradas e amigos, a Escola não poderia existir mais de tres mezes... e, no entanto, já lá vai mais de um anno. Muitos riam e ironicamente da nossa audacia e boa vontade, mas outros, embora com pessimismo, prestavam seu concurso; outros ainda incapazes de comprehender os nossos intuitos e o alcance social duma escola racionalista, combatiam-na; outros emfim, mostravam-se indifferentes ou aguardavam os resultados. Hoje que de algum modo vai desapparecendo o aspecto tenebroso com que era pintada tal iniciativa — diz-se, então, ter sido ella uma das mais arrojadas até então aqui conhecidas. Esquecem-se do que sem audacia, sem arrojo nada se faz. Que lhes sirva, pois, a lição.

* * *

Um sermão

Terminemos esta ligeira resenha do que se passa no ambiente onde sopra o pampeiro rebelde, com *um sermão*. E' o caso dum padre vizinho cá da Escola andar muito zangado; cremos que devido á boa acceitação que tem tido a Escola, pois é uma espinha que lhe trancou na garganta. Num dos seus *sermões* teve a amabilidade de se occupar da nossa modesta obra. E não precisamos dizer de que maneira... Com que saudade não recordarão os tartufos os tempinhos da... Santa Inquisição!

Cecilio Villar.

Os conquistadores

Do jornal italiano *Idea Nazionale*, 9 de janeiro:

«A Italia tem uma necessidade absolutamente vital de conquistar um dominio onde possa exercer-se a sua força irresistivel de expansão. Necessario é que ella corte o seu quinhão no mundo: na Africa, na Asia e especialmente no Mediterraneo e no Oriente. Tal é o direito supremo da Italia...»

Mas, nós temos ouvido dizer p'r'ahi que a guerra é simplesmente de libertação. Lá isso é... desde que a cada belligerante se deixe o caminho livre para annexar á vontade aquillo que muito bem entender.

...Porque aquelle exercicio expansionista, quer dizer alguma coisa...

A beatissima queixada

«O revmo. padre Pericles Barbosa, vigario das Perdizes, agradeceu ao sr. dr. Altino Arantes ter s. exa. comparecido pessoalmente ao acto do lançamento da primeira pedra da matriz daquella parochia».

Que honra p'ra familia, não, seu serafico Pericles? Quando pelo teu reverendissimo bestunto havia de passar que a presidencial queixada compareceria a uma tua festa?...

A ETERNA FARSA

As rãs já têm novo rei

Que sucia de descarados!

Com a espectaculosidade pomposa das funcções de successo, representou-se no Rio a grande farsa da escolha do novo chefe e sub-chefe da camorra politica que impunemente vive a roubar e a tyrannizar o povo paciente deste paiz immenso.

Foram nomeados os individuos de ante-mão apontados: o Chico Alves e o Delfim de Minas.

As rãs já têm, pois, novo rei e o seu substituto.

Ambos são tudo quanto ha de mais reaccionario. A canalha do Vaticano não conta com mais dedicados servidores. Tresandam, mesmo de longe, á morrinha das sacristias.

Emfim, são bem os individuos indicados para dirigir a corja que nos opprime e espolia.

Resta agora saber até quando o povo supportará semelhante farsa.

«A Plebe» em Bello Horizonte

Vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986.

PRENUNCIOS DE LIBERDADE

Não passa um unico dia sem que do outro lado do Atlantico, da velha e perturbada Europa não venham noticias mais ou menos saturadas de promettedoras esperanças para a classe trabalhadora, para os eternos opprimidos, de par com rumores de sombria incerteza para a classe capitalista, a eterna oppressora.

Hontem foi o formidavel e terrivel povo russo que, com singular audacia, sacudiu irado o jugo despotico e tyranno de uma dynastia decrepita, composta de magnates efeminados. Hoje é Portugal, cujo povo, ha longo tempo ludibriado por falazes promessas de politiqueiros de varias côres, emfim se capacita da verdade, comprehendendo que nenhum governo póde tornal-o feliz. Por isso, acaba de erguer com altivez a fronte, antes abatida e resignada, olhando cara a cara os seus tyrannetes e a elles e á burguezia arremessando o escarro do seu desprezo pela cumplicidade de taes patifes no grande crime europeu, onde os filhos do povo productor são impiedosamente sacrificados em beneficio exclusivo de bastardos interesses capitalistas. São rajadas consoladoras, mensageiras de um futuro e proximo bem estar.

Tambem a Rumania, os «boyardos», atemorisados pelas lições do proletariado emancipador, se apressam a prometter ás sempiternas victimas grandes reformas na ordem politica e economica, entre as quaes se conta a expropriação das terras em beneficio dos camponezes.

E' a liberdade e a justiça promettidas em decretos, em textos de lei.

Desta vez, porem, de nada servirão aos exploradores do povo semelhantes medidas. E' a revolução social, a grande revolução reivindicadora dos direitos do proletariado e que tornará effectivas para os opprimidos a liberdade e a justiça a que legitimamente aspiram.

E' possivel que os exploradores consigam por algum tempo mais desviar o bom povo da acertada rota, distrahil-o das suas fecundas e nobres aspirações. Isto, porem, se se dér, será por breves momentos. As primeiras rajadas do grande cyclone, que ha de deitar por terra as velhas e carcomidas instituições, apresentam-se com caracteres inconfundiveis.

Hoje aqui, amanhã acolá, depois mais alem, por todos os lados com manifestações intermittentes, mas successivas, ruge ameaçador o novo gigante que, num esforço supremo, vae libertar-se das ferreas cadeias que o opprimem e com ellas castigar a face dos seus oppressores.

Não escapa ao burguez intelligente a percepção do triste e fatal occaso da sua classe, como não escapa ao proletariado consciente a clara visão de melhores dias. Aquelles vêem com infinita tristeza fugir-lhes das mãos as prerogativas que lhes permittiam commetter impunemente toda a sorte de attentados, como os crimes mais hediondos; este sauda com illimitado contentamento o advento de uma forma social onde haverá perfeita equivalencia e absoluta reciprocidade de direitos e deveres.

Urge que nos preparemos para a imminente batalha. Della deve sahir triumphante a justiça do povo, chamando a contas todos os responsaveis pela violencia organizada.

Galileu Sanchez.

Ha uma virtude superior á da patria, é o amor da Humanidade.

Mylab.

Illustre papa-hostias

Dos jornais:

«De Apparecida, regressou ao Rio o sr. dr. Brasilio Machado, illustre mestre de direito e presidente do Conselho Superior do Ensino».

Calculem que grande mestre de direito e que extraordinario presidente do Conselho Superior do Ensino...

Um réles papa-hostias é o que é esse ratão de sacristia.

«A Plebe» em Cataguazes

E' encontrada na Agencia do sr. Fenelon Barbosa.

Pygmeus e gigantes

Por occasião da série de sermões realizados na matriz do Braz, pelo revmo. San Detole, tive o ensejo de assistir a uma palestra entre elle e alguns camaradas que, em commissão, foram convidal-o para uma controversia.

O illustre prelado, depois de justificar a sua negativa, entreteve-se em fazer alarde da sua alta posição social, de privilegiado, de principe ecclesiastico, comparando-a com a humilde condição dos propagandistas dos partidos avançados.

Discorria, com emphase e sensualidade, detalhando a sua opulenta vida de apostolo do Christianismo, esquecendo-se da humilde origem dessa seita, que, segundo a mythologia, teve por chefe um plebeu, um bohemio, que passou a vida entre os maltrapilhos.

«Na Italia — dizia o discipulo de Loyola — emquanto os delegados das camaras de trabalho, e dos grupos subversivos viajando nas estradas de ferro occupavam os carros de 3.a classe, eu e a minha comitiva occupavamos os de 1.a. Emquanto elles se installavam nas hospedarias da *escoria social*, nós eramos conduzidos em automovel aos hoteis de luxo». «Como vêm, accrescentava, passando a mão alva sobre o rosto effeminado — apesar da minha idade madura, ainda conservo o vigor da juventude...»

A proposito da mesma questão, isto é, da inconveniencia e da ingratidão da nossa causa revolucionaria e social, Roldão Lopes de Barros, meu amigo e ex-condiscipulo no Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, quando, depois de ter feito, durante alguns annos, obra profiqua no movimento operario, resolvera retirar-se das fileiras do proletariado militante, confessava-me a sua desillusão, ou melhor, a sua decepção.

Em vista de que a redempção social tardava, parecendo-lhe até utópica, havia decidido abandonar a luta e adaptar-se, ao menos em apparencia, ao ambiente estabelecido e conquistar uma posição que lhe garantisse a subsistencia e a boa consideração das pessoas que hoje estão valorizadas pelos altos cargos publicos que desempenham e pela riqueza social que detentam.

E o meu amigo, que é intelligente e abnegado, conquistou, de facto, o cargo de professor numa escola superior do Estado...

Está, pois, a salvo da miseria e da accusação de fazer parte da patuléa descamisada.

Sabemos que a fartura, o conforto, o descanso e o recreio são o melhor «elixir de longa vida».

Mas a que preço se conquistam esses privilegios? Não é á custa do sacrificio da propria personalidade?

O homem distanciou-se pouco da animalidade e, por isso, não admira que a vida vegetativa seja collocada num plano superior á vida moral. A questão primordial é ter o ventre cheio.

Como postres podem-se, tambem, tomar umas doses de individualismo puro, enfronhando-se na philosophia de Nietzsche, de Gustavo Le Bon e tantos outros scientistas que passam as suas doutrinas pelo crisol do interesse dos negociantes. Neste theor o pensamento e o sentimento do superhomem não tardam em pôr as manguinhas de fóra.

Por fortuna, tudo na natureza soffre transformações...

Forcejando, sempre se consegue formar uma illusão, que, afinal, se dissipa ante a logica da realidade.

Os privilegiados, os que desempenham funcções politicas ou religiosas elevadas e bem remuneradas podem, por um momento, julgar-se superiores, grandes, collocados nos cumes das montanhas, no prinaculo da gloria, mas estudando, analysando bem a sua situação chega-se á conclusão de que ainda não sahiram do valle, que a sua personalidade é supinamente mesquinha.

Para elles não existem garantias constitucionaes, não vigoram as liberdades de reunião, de imprensa e de palavra. Ainda não conquistaram o direito de opinião.

Na tribuna, na escola, na imprensa, etc. dizem o que não querem dizer, ensinam o que lhes repugna ensinar, escrevem o contrario do que pensam. No mercado do trabalho vendem ou alugam o braço, o sentimento e a consciencia, sacrificando a sua dignidade, reduzindo a 0 os seus foros de cidadania.

São ao mesmo tempo opprimidos e elementos de oppressão.

Moralmente a sua personalidade está por terra e a sua grandeza é a de verdadeiros pygmeus.

Nós soffremos, em verdade, os rigores da miseria, do odio, da calumnia dos exploradores.

Por vezes somos encerrados na prisão, expulsos covardemente, assassinados pelos esbirros. Mas não é sublime o soffrer por um ideal que se ama, e, principalmente, quando estamos convictos de que esse ideal synthetisa os principios de justiça e de liberdade?

A joven mãe não se sente feliz em soffrer pelo filho que germina nas suas entranhas?

A' custa, pois, de vicissitudes e martyrios a nossa dignidade conserva-se immaculada, pairando acima de todas as miserias humanas.

Nós disputamos palmo a palmo as liberdades do povo. Da penna fazemos um ariete de combate, pondo em evidencia os crimes, as mentiras e o ridiculo das instituições vigentes, assim como das suas doutrinas, dos seus principios inocuos e funambulescos.

Na praça publica installamos a tribuna popular, de onde lançamos, desassombradamente, sobre a horda parasitaria e tyrannica os nossos anathemas, fulminando-a com a nossa critica despiedada e os potentes raios das nossas ideias.

Outros realizaram as revoluções politicas; nós realizamos as revoluções sociaes.

Mediante o nosso braço e a nossa ideia o Mundo marcha para as grandes conquistas que libertam e dignificam a especie.

Reduzidos em numero, humildes por condição economica, temos orgulho e altivez sufficientes para desprezar riquezas ou posições deprimentes. Com satisfacção confessamos que não nos adaptamos a um regimen que não é uma sociedade, mas um ajuntamento de malfeitores.

Apparentemente pequenos, somos, em realidade, a phalange dos revolucionarios e iconoclastas, dos anarchistas, dos gigantes que, desde os valles, ou desde os cumes das montanhas, fazemos dos deuses e dos imperios, das democracias e de todas as instituições do despotismo e do privilegio, cordilheiras de desperdicios, sobre as quaes cravamos o nosso pendão de gloria.

Primitivo Soares.

O emblema da Igreja

O telegrapho trabalhou para communicar aos jornaes o seguinte:

«A Prefeitura Municipal de Aguas Virtuosas, fez acquisição de uma rica imagem de Christo, para ser collocada na sala das sessões do jury, e de um bem acabado docel, com cortinas de bolbutina roxa, guarnecidas de franjas douradas».

Assim fica incompleta a ornamentação; falta-lhe uma gazua, que é o emblema da Igreja.

Ao povo amigo

Jamais seremos felizes emquanto sobre a terra existirem padres e igrejas. O padre só consome o que é bom e só produz o que é mau. E' um terrivel inimigo com que contamos. Este algoz da Humanidade tem por missão impedir o progresso moral do povo, porque assim elle nos mantém escravos, causando-nos todos os males e usurpando-nos o ultimo real. O homem emancipa-se á proporção que se eleva moralmente.

Emancipemo-nos, pois, do terrivel anchylostomo social — o padre, afim de que a moral e a justiça possam surgir com todos os seus beneficos effeitos, fazendo-nos comprehender que o Universo é a nossa patria e a Humanidade nossa familia. Estabeleceremos então um reinado de Paz e Amor.

Muito facilmente nos podemos livrar do terrivel inimigo: Não ir á igreja, nem mesmo por curiosidade. O baptismo perante a moral é a educação e a instrucção dos filhos. O casamento perante a moral consiste no grande amor que une o casal, tornando-o inseparavel. O nosso culto consiste no maximo respeito aos velhos, grande carinho ás crianças e grande respeito e dedicação ás esposas e donzelas. O dinheiro que teriamos de dar aos anchylostomos sociaes, daremos aos estabelecimentos de instrucção. Assim esses ladrões profissionaes deixarão a batina e irão trabalhar. A policia prende os passadores do conto do vigario, mas não prende os vigarios, o que quer dizer que só o homem de batina póde roubar.

Como podem os homens ser justos e moralizados tendo como moral a mentira e o roubo dessa odiosa instituição — a Igreja Romana?

Avante, pois, povo amigo! Avante na sublime cruzada! Com um pouco de esforço conseguiremos muito.

Osorio Machado de Barros.

PALHAÇOS AMBULANTES

Eu, de vez em quando, gosto, como toda a gente de presumivel siso, de dar um passeio pelo centro da cidade. E' um habito como qualquer outro, mas é um habito que eu adquiri ha bastante tempo e não posso passar muitos dias sem lhe prestar tributo.

Quando chego ao largo da Sé, sentindo-me cansado e se o frio não me castiga a delicada epiderme, faço a minha indeffectivel parada á porta do consagrado Girondino, limpando o suor honrado que, em bicas, cae de minha respeitavel fronte.

Como moro pelas bandas da Penha e não posso gastar os meus preciosos nickeis nos chocalhantes bondes da Light, sou obrigado, por circumstancias alheias á minha humillima vontade, a vir a pé, o que não deixa de ser uma boa massada. De maneira que chego ao supra mencionado logar exausto, quasi desfallecido.

A's vezes, acontece sahir do meu modesto palacete (digo palacete por ser menos rebarbativo) com uns magros duzentos réis para a ida e volta no *cara-dura*, mas faço heroicamente o trajecto a pé, pois prefiro tomar duas chicaras da preciosa rubiacea ou saborear um louro *chopp* a contribuir para o augmento dos *arames* da poderosa e famigerada companhia que, segundo a opinião valiosa da imprensa de peso, é de procedencia canadense.

E' preciso que lhes diga que sou doido por *chopp*, por café, pelo triangulo central e pelos bellos palminhos de cara das representantes do sexo fragil desta *artistica* capital. Devo tambem deixar dito aqui que o que não posso ver são esses animaes exoticos vulgarmente conhecidos por voluntarios. Deixam-me irritado.

Esses pobres de miolos bolem horrivelmente com os meus delicados nervos. A sua provocadora *pose* é deveras interessante e de uma comicidade sem par. São verdadeiros palhaços ambulantes. Num circo de cavallinhos seriam elementos de successo.

Fazem rir os pobres diabos sem abrir a bocca... Têm essa grande virtude. São palhaços mudos... Eu mal lhes deito os olhos em cima, me encolerizo, mas, insensivelmente, a minha se transforma num riso espontaneo, franco, desopilante. Levam elles essa vantagem aos seus collegas acróbatas... Sabem provocar o riso caladamente, silenciosamente...

Como amo apaixonadamente a troça, o riso, a gargalhada (como Camões amou a Catharina e Dante a Beatriz), saudo com effusão os palhaços ambulantes, que neste tragico momento da historia da humanidade nos amenisam os tristes dias da existencia attribulada...

RICARDO & ALEIXO.

... O *Correio* assim começou a sua pachecal nota sobre a farsa representada no Rio para a nomeação dos chefes do bando que nos explora:

«...Reunem-se hoje, em solenne convenção, os senadores e deputados, representantes legitimos do povo brasileiro nas duas casas do Congresso Nacional».

Já viram tanta desfaçatez reunida em tão poucas linhas?

Os deputados e senadores representantes legitimos do povo?!

Decididamente, o *Vovô*, apesar de suas cans, perdeu a vergonha.

"A Plebe" por ahi afóra

EM IGARAPAVA

O grotesco carolismo da gente desta terra

A gente desta cidade da Mogyana parece interessar-se mais pela imaginaria existencia de além tumulo do que da vida actual.

Quando os padres mandam badalar os sinos, homens, mulheres e crianças correm para as igrejas como correm os soldados ao toque de retirada.

E que ninguem lhes fale nas mentiras dos tonsurados, pois correrá perigo.

Tenho notado, entretanto, o modo curioso de muitas pessoas cultivarem as suas ideias religiosas. A experiencia me autoriza a acreditar que ellas estão algo mudadas.

Dizem algumas dellas, por exemplo, que vão á igreja por ser onde podem conversar á vontade com as namoradas, em cujas casas não têm entrada.

Outros affirmam que á igreja vão para não incorrer no desagrado dos patrões e graúdos religiosos, não dando, porém, importancia ás figuras de barro, pau ou papel, pois jámais rezaram.

Ha dias, tive occasião de apreciar um caso deste grotesco carolismo, ao visitar um amigo, de seus 60 annos, que não demonstra ser religioso. O mesmo não acontece á sua esposa, que pertence ao numero das rezadeiras.

Emquanto palestravamos na sala, seu marido e eu, a referida senhora, ajoelhada e de mãos postas, rezava num altarzinho armado num quarto contiguo, onde se acham varios quadros e bonecos representando os taes santos da igreja.

Por curiosidade, de quando em quando, lançando um olhar para aquelle espectaculo raro para mim, verifiquei que a religiosa ria-se gostosamente, retomando novamente sua attitude de compunção, para logo tornar a rir.

Estranhando aquilo, não resisti á tentação e perguntei-lhe porque se ria. Sabem o que me respondeu a serafica criatura? E' deveras interessante: que se lembrára do primeiro dia do seu casamento!...

Vejam a attenção com que ella fazia as suas orações, lembrando-se do que se passara ha 40 annos, no dia de suas nupcias...

E' bem possivel que se lembrasse de alguma amabilidade do padre...

GIGI AMOR.

EM FLORIANOPOLIS

(SANTA CATHARINA)

A FRADALHADA A' REDEA SOLTA

Não comporta uma correspondencia de alguns periodos tudo quanto seria necessario dizer sobre a acção devastadora da fradalhada que por aqui anda á redea solta.

Esses formigões da Igreja fazem aqui o que muito bem entendem. Procedem como se este Estado fosse uma bolorenta sacristia.

O tal Gymnasio Santa Catharina é um coio dessa corja, onde se attenta acintosa e constantemente contra o prestigio dos principios republicanos.

Dirigem-no os padres jesuitas, que gosam de ostensiva protecção do elemento official.

Os tonsurados adeptos dessa grande Camorra que é a Igreja imperam como soberanos absolutos nas localidades do interior.

As escolas de ensino leigo soffrem da parte deles tremenda guerra, que attinge tambem os professores do Estado.

Os governantes não os incommodam porque pertencem todos ao mesmo bando.

Ha, felizmente, neste recanto sulino do Brazil quem os fustigue impiedosamente: *O Clarão*, o valente periodico que é a aza negra de toda a gente que fede á peçonha do Vaticano.

POMBAL-MIRIM.

Baptizados por atacado

Uma folha do Rio publicou esta noticia:

«A' nossa redacção vieram os srs. Antonio Rosa Dias e Domingos Faria, este pai e aquelle padrinho de uma criança que se baptisou numa igreja do suburbio, queixar-se da maneira pouco cerimoniosa como se realizou essa solennidade catholica.

Como os baptisados eram muitos e o vigario um só, foram collocadas em fila oito crianças, que assim, sem ao menos o padre lhes pronunciar os nomes, foram dadas como baptizadas. O preço do baptismo fôra, entretanto, pago.

O sr. Domingos de Faria é de opinião, sustentada pelo sr. Antonio Rosa Dias, que o seu filho não fôra baptizado».

Olhem que grande coisa perdeu o pequerrucho em ficar apenas *meio* baptizado...

Fez bem o jornal carioca em endereçar a queixa ao cardeal, que é o bispo da terra.

Desses Dias e Domingos que ainda cáem no conto do vigario, só mesmo a gente mandando-os ao bispo, para não serem mandados a outra parte...

Lancem uns poucos de cães num sacco e sacudam-no. Os cães mordem-se uns aos outros, mas a nenhum lhe occorre morder a mão que agita o sacco.

Harrington.

«A Plebe» em Campinas

E' encontrada á venda na agencia de jornaes do sr. Antonio Albino Junior.

Que professoras!...

«O sr. arcebispo metropolitano foi convidado por uma commissão de professorandas para celebrar a missa em acção de graças pela terminação do curso.

Para prégar ao evangelho convidaram a monsenhor dr. Benedicto de Souza, vigario geral do arcebispado».

Deviam ter convidado tambem o padre Faustino Consoni para paranimpho do acto.

Que professoras vão ter os filhos do povo!...

«A Plebe» em Ribeirão Preto

Acha-se á venda na Livraria Sélles, rua Amador Bueno.

«A Plebe» no Rio

E' encontrada á venda nos seguintes pontos:

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro, vendedor de jornaes.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105 engraxate.

Café Criterium, largo do Rosario, 32.